

AS CLASSES POPULARES

JOÃO TEIXEIRA LOPES
FRANCISCO LOUÇÃ
LÍGIA FERRO

AS CLASSES POPULARES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

ÍNDICE

Introdução	13
------------------	----

PARTE I

AS CONDIÇÕES DE VIDA

Capítulo 1 — Em baixo dos de cima: o trabalho e a pobreza, pilares das desigualdades sociais	27
---	----

Portugal	28
A burguesia na história moderna de Portugal	28
A burguesia e as outras classes sociais	34
O que o IRS nos diz sobre a desigualdade	36
A desigualdade, constituição da sociedade de classes ..	41
O efeito troika	44
A queda das convenções coletivas e o impacto das novas leis laborais	46
O desemprego e o autoritarismo como instrumentos de domesticação social	49
As mutações do trabalho	51
O precariado e o proletariado	52
A «uberização» do trabalho e a «economia da partilha»	55
As dificuldades da Europa	59
A organização da precarização e da biscateirização em Portugal	61

Retratos de vidas de trabalho e precariedade	64
Retrato 1 — Nuno, sindicalista e ativista no Seixal	64
Retrato 2 — Carla: «Nós somos objetos. A lei da vida é a sobrevivência.»	70
Retrato 3 — Carolina: «Não é que Portugal seja mau, está é complicado arranjar trabalho»	75
Retrato 4 — Teresa: «Saio do <i>call center</i> porque me estou a borrfifar para o contrato»	79
Retrato 5 — Helena: de empresária a precária	84
Capítulo 2 — Escola e Educação das Classes Populares	86
Mérito ou herança?	87
Uma aposta débil é uma escolha conservadora	93
Um exemplo de recuperação insuficiente: o ensino superior	95
A desagregação do Estado-Providência na Educação	97
A vida nas escolas	99
Texto 2.1.: A cultura de escola	100
Escolas de fim de linha	103
Texto 2.2.: Escolas de «fim de linha»	104
Texto 2.3.: Momento Zen — A terapia depois da desordem	105
O canto de sereia dos <i>rankings</i>	108
Os sentidos da experiência escolar para os jovens das classes populares	113
Retrato 6 — Mauro, um percurso de contratendência	115
Notas finais: uma modernização heteróclita, confinada e conservadora	117

Capítulo 3 — Território, Habitação e Mobilidade	119
A relegação espacial das classes populares em Portugal: construção do espaço residencial e territórios urbanos desqualificados	119
O SAAL — experiência interdisciplinar e vanguardista na habitação em Portugal	123
Classes populares e espaços urbanos «desqualificados» ...	126
Mobilidade espacial e desigualdades sociais	129
Para além da relegação espacial: Formas coletivas e sociabilidades de rua nas culturas populares urbanas	133
Produção do espaço residencial, mobilidade à escala metropolitana e culturas populares urbanas	146
Retratos sociológicos	147
Retrato 7 — Indira: O importante é ter um teto para me esconder do frio e da chuva com o meu filho	147
Retrato 8 — André: Sinto dificuldades porque sou pobre e por ser preto	150
Capítulo 4 — Práticas culturais populares: da dominação às margens de afirmação	153
Génese e florescimento do «pimba»	154
Sentimentalismo: o amor como quase substituto da religião	158
Jogar às escondidas ou «deixem o pimba em paz»	159
O riso e o sexo sem dissidência	163
O pimba é a experiência sem diferença	164
Contraponto: as bandas e as orquestras	165
Futebol	170
Um caso de privação extrema: as leituras das reclusas	175
Tradição reinventada	177

Retratos sociológicos	179
Retrato 9 — Rafa, nome de Orquestra	179
Retrato 10 — Jorge, o baterista da melhor orquestra do mundo	181

PARTE II

A POBREZA NAS CLASSES POPULARES

Capítulo 5 — Os pobres pelos olhares dos outros — Representações políticas e institucionais da pobreza	189
A amostra	191
Cavaco e a centralidade do par exclusão/inclusão (ou a elipse das classes)	192
Na mesma linha: Passos Coelho e a visão do social mínimo	195
Isabel Jonet e o capitalismo filantrópico	197
Coração da Cidade — Os espíritos ajudam os pobres	198
As instituições e os «seus pobres»	200
O caso «Dália» — Observação realizada no Coração da Cidade em 02/04/2015	203
E os pobres?	205
Capítulo 6 — Alimentação e saúde em lugares e tempos de crise	208
Introdução	208
Somos como os cinco dedos da mão... nenhum deles é igual	211
Não passamos fome	213
Comer o que se tem e o que não se tem	215
O preço da distância	217
O melhor é não mudar para não gastar mais dinheiro	219
Se a essência e a aparência das coisas coincidissem	222
Em nome da saúde, da alimentação... e da rentabilidade: <i>fat tax</i>	225
Entre medidas assistencialistas e práticas «tokenistas»	227

PARTE III

AS CLASSES POPULARES PELO OLHAR LITERÁRIO E DOS *MEDIA*

Capítulo 7 — O povo pelas palavras	237
O povo visto pelo romantismo	237
O povo visto pelo neorrealismo	245
O povo na obra de alguns autores da segunda metade do século XX	251
Capítulo 8 — Sete dias que abalaram o país: o povo pelo olhar da imprensa entre 25 de Abril e 1 de Maio de 1974	267
Conclusão — As classes populares: sete argumentos para um guião de leitura	277
As desventuras do conceito de «povo»	278
Disse mesmo «popular»?	279
As matizes infinitas de Karl Marx	282
O construtivismo realista de Bourdieu e Boltanski	287
A burguesia e as classes subalternas	291
As classes populares e a sua subordinação	294
Sete argumentos sobre as classes populares em Portugal	298
Notas	311
Referências bibliográficas	327
Índice remissivo	341

INTRODUÇÃO

«Uma mesma palavra (o povo) nomeia, assim, tanto o sujeito político constitutivo como a classe que de facto, senão de direito, está excluída da política.»

GIORGIO AGAMBEN¹

O povo, tantas vezes evocado e contudo tão desconhecido. Protagonista nomeado de todas as conquistas e ruturas, herói coletivo das epopeias e sujeito dos mitos, eis que lhe cabe o papel de fundar a soberania e de assegurar a continuidade e a identidade de uma Nação.

Sob o seu «sagrado nome», as elites apoderaram-se da representação e encontraram a legitimação do seu governo, através das mil metamorfoses dos diferentes regimes políticos. O seu jugo simbólico é a invenção de uma essência, uma narrativa naturalizada de costumes, tradições, feitios e tipos nacionais. Nas palavras do antropólogo Jorge Dias, o português, por exemplo, caracteriza-se por um certo *modo de ser*, uma *sensibilidade específica*, dotada de um determinado *fundo temperamental*:

«O Português é um misto de sonhador e de homem de acção, ou melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista. A actividade portuguesa não tem raízes na vontade fria, mas alimenta-se da imaginação, do sonho, porque o Português é mais idealista, emotivo e imaginativo do que homem de reflexão. Compartilha com o Espanhol o desprezo fidalgo pelo interesse

mesquinho, pelo utilitarismo puro e pelo conforto, assim como o gosto paradoxal pela ostentação de riqueza e pelo luxo. Mas não tem, como aquele, um forte ideal abstracto, nem acentuada tendência mística. O Português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso, sem ser fraco. Não gosta de fazer sofrer e evita conflitos, mas, ferido no seu orgulho, pode ser violento e cruel. A religiosidade apresenta o mesmo fundo humano peculiar ao Português. Não tem o carácter abstracto, místico ou trágico próprio da espanhola, mas possui uma forte crença no milagre e nas soluções milagrosas.

Há no Português uma enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, ideias e seres, sem que isso implique perda de carácter. Foi esta faceta que lhe permitiu manter sempre a atitude de tolerância e que imprimiu à colonização portuguesa um carácter especial inconfundível: a assimilação por adaptação.»²

No mesmo diapasão ideológico, o presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, no discurso de tomada de posse, elogia as características intemporais do povo português, a eterna e cristalizada «natureza»: «Aqui se criaram e sempre viverão comigo aqueles sentimentos que não sabemos definir, mas que nos ligam a todos os Portugueses. Amor à terra, saudade, doçura no falar, comunhão no vibrar, generosidade na inclusão, crença em milagres de Ourique, heroísmo nos instantes decisivos.»³

O bom povo português, enfim, uma personalidade inscrita para sempre numa geografia e numa cultura, independentemente das pessoas de carne e osso, nas suas vidas concretas; independentemente das estruturas de longa duração, cristalizadas em constrangimentos e oportunidades; independentemente, ainda, da força dos acontecimentos e das encruzilhadas historicamente forjadas; independentemente, por fim, das relações de forças dentro de uma sociedade.

O nosso livro está nos antípodas desta concepção estática, a-histórica e idealista. O prisma que adotamos é o da análise das classes populares a partir do quotidiano, das suas condições

concretas de existência e de subjetivação política e na relação conflitual com a burguesia. As classes populares são internamente diferenciadas, mas também percebemos que estabelecem uma fronteira, embora porosa, com as classes sociais dominantes.

Este trabalho articula-se com outra obra, *Os Burgueses*⁴, em que dois dos presentes autores discutem a história, formação social e os modos de exercício do poder pela burguesia. Em conjunto, perceberemos melhor a desigualdade e o antagonismo em torno dos quais se estrutura a sociedade portuguesa como campo de forças. Ao finalizarmos a escrita deste livro, percebemos melhor como, sob o epíteto de *povo* ou de *cultura popular*, se escondem os mecanismos da formação de classes e de exercício da dominação. Entenderemos aqui as classes populares como a parte da sociedade que é definida por critérios de dominação económica e social e ainda por critérios de subordinação cultural, mas que criam ou podem criar, movimentos e linguagens que questionam estas formas de separação cultural e de sujeição económica. Se a subalternidade é definida pela hegemonia, ela gera práticas sociais que podem desafiar ou explorar as fronteiras dessa hegemonia.

Deste modo, não nos limitaremos às conceções que confinam as classes populares ao assalariado e, em particular, ao assalariado industrial. Assim, procuraremos analisar as múltiplas formas de inserção no mundo do trabalho, bem como as articulações que se estabelecem dentro e fora da esfera laboral, prestando a devida atenção às «formas atípicas», embora cada vez mais generalizadas, da precariedade. Em vez de dissociar, desejamos compreender dialeticamente as dinâmicas sociais que se forjam tanto no domínio da produção como da reprodução, tomando o quotidiano como o *locus* dessa articulação que integra, sem deixar de diferenciar, o objetivo e o subjetivo; o racional e o irracional (carnal, corporal); o hegemónico e o contra-hegemónico. De igual modo, distanciamos-nos das conceções pós-modernas e formalistas de populismo, na esteira de Laclau⁵, que o considera como sinónimo de política, na medida em que exprime abismos de projetos políticos em sociedades dualizadas e incapazes de absorver as exigências sociais.

Como se bastasse encontrar uma linha de fratura, independentemente dos constrangimentos concretos que a constituem. A ação política das classes populares pode ser algo mais do que populismo antissistema e, para ser radicalmente transformadora, deve assentar em conteúdos precisos no que se refere à dualidade exploradores/explorados e à relação/luta entre as classes.

Tal como em *Os Burgueses*, percorremos, embora sem pretensão de exaustividade, os principais contextos de vida das classes populares. Desta feita, o livro estrutura-se em três partes que dialogam entre si. Numa primeira parte, daremos conta das condições de vida: trabalho e pobreza; escola e educação; território, educação e mobilidade; linguagens e culturas populares. Aqui, as classes populares serão analisadas pela perspectiva das suas práticas. Numa segunda parte, faremos um *zoom* sobre um fenómeno que cada vez mais afeta largas franjas das classes populares, inclusive do assalariado: a pobreza. Partiremos dos discursos hegemónicos sobre os pobres (provenientes dos políticos do regime e instituições) e perceberemos, através de um estudo de caso sobre fome e práticas alimentares em contexto de crise, como o assistencialismo se substituiu à solidariedade, à intervenção sistemática do Estado e à redistribuição do rendimento. Finalmente, numa terceira parte, daremos conta de como os discursos situados produzem o «povo», quer pela literatura (do romantismo aos nossos dias, sem qualquer pretensão de exaustividade ou representatividade nos escritores que seleccionámos), quer nos extraordinários dias que abalaram o país após a revolução do 25 de Abril e que foram captados pelo olhar espantado da imprensa.

Finalizaremos com um conjunto de hipóteses de entendimento sobre as classes populares em Portugal.

Porque se pretendia alcançar uma visão do vasto universo das classes populares contemporâneas, fomos buscar informações a diferentes fontes, usando diferentes metodologias. Tal como em *Os Burgueses*, tivemos duas grandes preocupações: em primeiro lugar, ler e discutir, o mais cuidadosamente possível, estudos

anteriores direta ou indiretamente relacionados com a temática, de modo a seguirmos um vasto leque de pistas de investigação, sem sectarismos teóricos ou ideológicos, embora particularmente centrados, dadas as nossas áreas de trabalho, na Sociologia, na Antropologia e na Economia; em segundo lugar, mantermos uma conceção aberta de *dado*, sem decidirmos, *a priori*, pelo seu grau de nobreza. Se quisermos estudar as expressões culturais das classes populares teremos de conferir a devida atenção às letras da chamada música «pimba», aos hinos das claques de futebol ou às listas de leitura das reclusas, apenas para mencionarmos alguns dos exemplos.

Deste modo, deitámos mão às bases estatísticas disponíveis (INE, estatísticas fiscais e outras), aos documentos acessíveis pela Internet (discursos, *sites* institucionais, relatórios oficiais, letras de canções, imprensa...) e, ainda, à produção de informação em *primeira mão*, quer através de pesquisas que estão em curso, quer pela realização de entrevistas a atores sociais do mundo das classes populares. Destas entrevistas resultaram vários *retratos sociológicos*⁶, em que, sem qualquer psicologismo, procuramos desvendar a articulação entre uma história de vida e um conjunto de estruturas sociais, económicas, sociais, políticas e simbólicas. No final dos capítulos em que tal se considerou relevante para a análise, aparece uma síntese desses retratos *na primeira pessoa*, com o entrevistado a falar diretamente para o leitor, embora o texto apresentado resulte sempre da aplicação de uma grelha de análise do investigador que, desde logo, está implícita nas perguntas. Nas páginas deste livro, perpassa a palavra «troika». Uma parte significativa da recomposição das classes populares nos anos de chumbo da crise será aqui analisada, particularmente no que respeita ao empobrecimento, à mutação das relações laborais e ao crescimento da pobreza e do seu correlato institucional, o discurso assistencialista. Há um antes e um depois da chegada da troika, embora algumas das linhas de força sejam anteriores à Grande Recessão, inscrevendo-se na longa duração do projeto capitalista.

As classes populares, como o livro mostrará, vivem muitas vezes na pobreza ou no seu limiar, são atravessadas pela precariedade e pela ameaça permanente da perda de rendimentos e, simultaneamente, são dominadas por mecanismos sinuosos mas eficazes de alienação, em que, pela espetacularização do mundo e da vida, se inculcam valores, normas e códigos que em tudo perpetuam o poder das classes dominantes. Mas, nesse mesmo movimento, as classes populares apropriam-se das suas condições de vida, em universos mais ou menos segregados, para lhes dar um sentido e, em ocasiões de polarização social, conquistar espaços de autoconsciência, reivindicação e poder. Sendo classes dominadas, não se reduzem às formas dessa dominação, uma vez que vez que são protagonistas de um conjunto de práticas, ações e acontecimentos em que geram identidade e antagonismo.

Não é nossa intenção falar em nome do povo. Contudo, não abdicamos do esforço de conhecer e compreender as circunstâncias em que vivem as classes populares no nosso país, sem a amnésia, para alguns estratégica, para outros confortável, de considerarmos que esta é uma condição indispensável e necessária, diríamos mesmo urgente, para a superação da sua subalteridade e do nosso atraso como país desigual.

Agradecimentos

Para além dos seus autores, este livro conta com várias colaborações. O capítulo sobre alimentação e saúde em lugares e tempos de crise é da autoria de Cecília Peixoto Carvalho. O retrato sociológico de um «ativista nas transformações da sociedade portuguesa: industrialização, fascismo e 25 de Abril no Seixal» foi elaborado por Nuno Nunes e Rita Ávila Cachado. Néelson Rodrigues escreveu os retratos de «Rui: um cavaleiro errante dos nossos tempos» e de «Helena: outrora empresária, agora precária: um caso de desclassificação social». Por sua vez, Mariana Sá escreveu

o retrato de Jorge. Finalmente, Pedro Varela realizou algumas das entrevistas e João Pedro Silva colaborou nas nuvens de palavras de discursos de políticos e *sites* de instituições de solidariedade social. Agradecemos a todos.

PARTE I

AS CONDIÇÕES DE VIDA

As classes populares constituem-se e reconfiguram-se através da sua existência concreta e não pelas idealizações que a seu respeito políticos e intelectuais constroem. Em busca dessa realidade, os capítulos seguintes (1 a 4) reconstituem os recursos e os modos de vida das classes populares hoje e aqui.

No capítulo 1 analisam-se o trabalho e o rendimento encarados como expressões de um poder radicalmente desigual, ancorado na sociedade de classes. Observa-se que a chegada da troika extrema um processo de perpetuação de desigualdade que já vinha de há mais de duas décadas, assente na individualização do trabalhador nas relações de trabalho e a conseqüente fragmentação da mão de obra, desaguando em situações de intermitência, desemprego, precariedade e baixos salários.

Na educação e nas escolas (capítulo 2) encontrar-se-ão linhas divergentes. O aumento da escolarização e a democratização do acesso e do sucesso escolares não superaram a atávica situação de subinvestimento na educação, particularmente visível nos anos de chumbo do Memorando. De igual modo, a educação compensatória, ainda que mobilizando recursos e saberes, não permite vencer a guetização e o assistencialismo psicologista. O fracasso escolar e o abandono continuam a ter uma marca de classe. A tímida modernização do sistema de ensino concilia alguns progressos

com a reprodução de privilégios. A campanha dos *rankings*, por exemplo, transforma anualmente as escolas num grande mercado.

Importa ainda perceber como e onde vivem as classes populares. A rejeição espacial (capítulo 3) produz efeitos próprios, cria segregação e privação, mas, ao mesmo tempo, contribui para uma identidade e um sentido de entre-si que favorece, em certas ocasiões, o esquecimento ou mesmo a resistência ao poder hegemónico.

As culturas urbanas emergentes, como é o caso do *grafitti* e do *parkour*¹, alargam o campo de possibilidades² e permitem a exploração de novos territórios urbanos, favorecem a aquisição de códigos éticos e estéticos e, por vezes, uma consciência das políticas de privatização e controlo dos espaços públicos que hoje atravessam as nossas urbes. Em certo sentido, esta experiência das ruas, articulando pertença de classe e subculturas, cria disposições de partilha, criatividade e resiliência.

Procurando estudar as classes populares na sua vida e nas relações laborais, de propriedade e culturais, resistimos a desvalorizar ou a classificar aprioristicamente os seus modos de vida. As elites rejeitam-nos como «impuros», «vulgares», «rudes» ou «pouco civilizados». Aqui, considera-se que as culturas populares são, à sua medida, uma tentativa para interpretar e dar sentido a uma existência social, dentro dos limites objetivos dessa própria existência.

Algumas características são marcantes (capítulo 4): são culturas orientadas para a reação, com convivialidades restritas ao bairro ou ao limite do centro comercial, denotando uma clara preferência pelo espaço doméstico como centro das atividades de lazer, ainda que se trate de casas «sem paredes», perpassadas, nos mais jovens, pela navegação no ciberespaço, em particular nas redes sociais.

Veremos com algum detalhe como a adesão à música «pimba» não constitui experiência de questionamento da ordem social existente, antes contribuindo para a produção da conformação, sem produção do «novo», sem dissidência ou rebeldia.

O futebol, por seu lado, apresenta uma compleição híbrida, uma vez que encoraja os mercados francos populares, em que se fala à vontade e sem hierarquia, bem como as identidades e sociabilidades que estão na base de um capital social popular. Contudo, contribui, também, para incutir sentimentos de humilhação e de ódio face ao outro e ao diferente.